

**ALTERAÇÕES FONÉTICAS E FONOLÓGICAS:  
UM ESTUDO SOBRE METAPLASMOS  
POR ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO NO FALAR TOCANTINENSE**

*Suiane Francisca da Silva (UFT)*  
[suiane@mail.uft.edu.br](mailto:suiane@mail.uft.edu.br)

**1. Considerações iniciais**

As transformações fonéticas na língua portuguesa em uma esfera analítica resultam em variações na forma de falar de um determinado contexto social. Entretanto, adentrar nos meandros da linguística implica em percorrer um caminho de muita leitura, fato este que se filia a muitas pesquisas em torno de variações ocorridas no campo da fonética e fonologia. Neste sentido, este trabalho de conclusão de curso tenderá a apontar as possíveis causas de tais ocorrências e principalmente como estas se desenvolvem num determinado espaço.

São várias as disciplinas que se debruçam sobre a temática língua/linguagem; contudo, a linguística é a que melhor discute estes parâmetros, em parte por ter em seu maior expoente Ferdinand de Saussure e seu *Curso de Linguística Geral*. Em decorrência da importância da língua atrelada ao contexto social, a partir da década de 60, a linguística ganhou uma nova ramificação, dentro do campo da sociolinguística, fato que significou olhar a língua a partir desta fusão dentro de um contexto social.

Diante deste prisma, destaca-se que a tarefa da sociolinguística é descrever e analisar as modificações sofridas por determinada língua em seus três níveis: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, atrelados ao contexto social. Dentro da perspectiva de que a linguagem sofre alterações no campo fonético/fonológico, este estudo tem por intuito verificar o uso dos metaplasmos no português cotidiano, no estado do Tocantins.

No tocante as modalidades de língua, conforme explica Evanildo Bechara (2001) a língua falada é um mecanismo utilizado cotidianamente, sem qualquer tipo de preocupação artística, ou seja, a língua no âmbito falado tem a seu dispor uma série de recursos linguísticos.

Na estrutura deste trabalho o que se pretende demonstrar com este estudo são as especificidades do processo de construção linguística pre-

sente no falar tocantinense, revelando por sua vez como a língua portuguesa tem sido manuseado por seus falantes, nos planos fônicos e fonológicos. Dentro destes campos, serão abordados aspectos fônicos e para tal foram previamente selecionadas nove palavras (“Advogado”, “Soar”, “Lista”, “Lâmpada”, “Negro” e “José”) que se operam através de metaplasmos por adição e metaplasmos por subtração.

Como bem define Câmara Jr. (1985), a língua tem sua importância, dado que é através dela que o homem expressa suas ideias, junto às ideias da comunidade a qual pertence. Neste sentido, cada falante é o próprio agente modificador de sua língua, ou seja, a língua é um instrumento que tende a projetar a cultura de um povo, esta influência cultural pendura desde a origem da língua portuguesa, ainda no latim e se reflete na fala espontânea dos dias atuais.

Assim como Câmara Jr, Bisol (2001, p.12) certifica que o uso diário da língua é parte intrínseca na vida humana, e esta é o mecanismo mais completo de comunicação. A autora prossegue afirmando que as diversas formas de variação linguística e o processo pela qual se investiga tais mudanças é um papel importantíssimo para o campo da linguística.

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa tem como *corpus* a análise de um questionário aplicado a pessoas moradores do distrito de Taquaruçu, Palmas (TO). A análise aqui apresentada dá-se por intermédio de um levantamento quantitativo e qualitativo da ocorrência das transformações fonéticas, ou seja, metaplasmos por adição e subtração no falar tocantinense tendo como população investigada um dos 139 municípios do estado.

Atrelando esta pesquisa linguística, Belline através de sua fala contribui para o apanhado com relação ao material e método utilizado para este estudo, ao apontar que:

[...] podemos estudar a língua de uma comunidade inteira partindo da fala de alguns de seus membros, pois os pesos relativos que vão definir os usos de formas variantes pelos falantes são os mesmos pesos relativos que definem a comunidade inteira, ainda que possa haver diferenças nas quantidades de dados de cada falante, dentro do quadro geral de variação (BELLINE, 2002, p. 135).

Logo no início das entrevistas, preencheu-se uma pequena ficha contendo dados pessoais dos entrevistados, tais como: sexo, faixa etária e

naturalidade. No que concernem os critérios para a entrevista, foram levados em consideração o número de pessoas que participariam da pesquisa no montante de 30 entrevistados, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com faixa etária entre 18-30 e 50 a 85 anos.

Citando Taralho ainda no que concernem os procedimentos metodológicos:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for à natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. (TARALLO, 2005, p. 21).

Não foi aplicado o questionário escrito, pois dentro do grupo dos sujeitos da pesquisa alguns idosos com idade já avançada ressaltaram ter problemas na visão, e outros declararam-se ter dificuldade na escrita. Diante destes percalços, foi utilizado por parte do entrevistador um gravador. A entrevista ocorreu então seguindo os seguintes métodos: As seis perguntas foram feitas de forma oral, por sua vez na medida em que iam sendo perguntado, o entrevistador fazia a gravação das respostas com o consentimento prévio dos participantes.

No tocante da naturalidade dos informantes, não se exigiu que os entrevistados fossem nascidos no Tocantins sob a justificativa que o Estado teve sua recente criação, ou desmembramento do Estado de Goiás a pouco mais de vinte anos, como as idades dos informantes superam esta estimativa, não fora então primordial que os informantes fossem ou tivessem necessariamente nascidos Tocantins. Contudo, vale lembrar que por ser um Estado novo no território nacional brasileiro, o Tocantins recebe contribuição tanto cultural quanto com relação à língua para formar sua identidade.

SEXO	FAIXA ETÁRIA	NATURALIDADE
F	72	Pedro Afonso – GO
F	67	Santo Antônio – MA
F	58	Monte do Carmo – TO
F	61	Brejinho de Nazaré – TO
F	74	Anápolis – GO
F	46	Porto Nacional – TO
F	35	Muricilândia – GO
F	63	Água Branca – MA

F	37	Distrito Federal – DF
F	39	Natividade – TO
F	60	Almas – TO
F	44	Palmas – TO
F	51	Passagem Franco – MA
F	50	Almas – TO
F	29	Balsas – MA
M	73	Carmo da Parnaíba – MG
M	83	Araxá- MG
M	76	Bom Jesus – PI
M	72	Icapuí – CE
M	63	Balsas – MA
M	33	Teresina – PI
M	54	Imperatriz – MA
M	43	Goiânia – GO
M	27	Imperatriz – MA
M	38	Silvanópolis – TO
M	29	Araguaçu – TO
M	50	Paraná – TO
M	50	Formosa do Rio Preto – BA
M	45	Imperatriz – MA
M	56	Missão Velha – CE

Tabela 1 – Dados dos informantes (entrevistados)

### 3. Corpus

As palavras utilizadas no questionário foram selecionadas com o intuito de verificar a ocorrência dos metaplasmos por adição (anaptixe, prótese e epêntese) e por subtração (apócope, síncope e aférese). A escolha das palavras abaixo descritas se deu por estas serem do cotidiano dos falantes e por serem frequentemente utilizadas ao longo do dia.

As modificações fonético/fonológicas utilizadas como foco desta pesquisa são as seguintes:

Metaplasmo por:	Classificação	Palavra	(Possíveis) Variação Fonética/Fonológica
Adição	Anaptixe	Advogado	Adevogado/Adivogado
Adição	Prótese	Soar	Assoar
Adição	Epêntese	Lista	Listra
Subtração	Apócope	Lâmpada	Lampa
Subtração	Síncope	Negro	Nego
Subtração	Aférese	José	Zé

Tabela 2 – Tipos de Metaplasmos

O questionário foi realizado de maneira em que o entrevistador fornecesse apenas “dicas” para que o próprio entrevistado desvendasse o objeto de estudo e então o dissesse sem qualquer tipo de ajuda de pessoas próximas ou ainda o próprio entrevistador. O questionário aqui referido foi aplicado a pessoas residentes da cidade de Palmas, capital do estado do Tocantins.

QUESTIONÁRIO – METAPLASMOS POR ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO.	
1	Que nome se dá a uma pessoa que se forma no curso de Direito? (Advogado)
2	Quando se está resfriado/gripado o nariz escorrer, o que você faz? (soar)
3	Para não se esquecer do que comprar no supermercado, o que você deve levar? (Lista)
4	Que nome se dá ao objeto que ilumina os cômodos da casa, e que quando queima tem que trocar por outro? (Lâmpada)
5	Sobre etnias/raças temos: Brancos, Índios, Pardos, Amarelos e... (Negro)
6	Apelidar as pessoas tornou-se algo bastante comum, principalmente nas rodas de amigos, uma pessoa por nome José. Tem o apelido de... (Zé)

**Tabela 3 – Questões aplicadas aos entrevistados**

01	F	Zé	Negro	Adevogado	Soar	Listra	Lampa
02	F	-	Negro	Advogado	-	-	Lampa
03	F	-	Nego	Adivogado	-	Lista	Lâmpada
04	F	Zé	Negro	Adevogado	Assoar	Listra	Lampa
05	F	Zé	Nego	Adivogado	Assoar	Lista	Lâmpada
06	F	Zé	Nego	Adevogado	Assoar	Lista	Lâmpada
07	F	Zé	Negro	Adevogado	Assoar	Listra	Lâmpada
08	F	Zé	Nego	Adivogado	Assoar	Lista	Lâmpada
09	F	Zé	Negro	Adivogado	Assoar	Lista	Lâmpada
10	F	-	-	Adivogado	Assoar	-	Lâmpada
11	F	Zé	-	Adevogado	Assoar	Lista	Lampa
12	F	Zé	Nego	Adivogado	Assoar	Listra	Lâmpada
13	F	-	Negro	-	-	-	Lâmpada
14	F	-	-	Adevogado	-	Lista	Lâmpada
15	F	Zé	-	-	-	-	Lampa
16	M	-	-	Adivogado	Assoar	Lista	Lâmpada
17	M	Zé	-	-	Assoar	-	Lampa
18	M	Zé	-	Adevogado	-	-	Lâmpada
19	M	Zé	Negro	Adevogado	-	-	Lampa
20	M	Zé	-	Adivogado	Soar	Lista	Lâmpada
21	M	-	-	Adevogado	Assoar	Lista	Lâmpada
22	M	Zé	-	Advogado	Assoar	Lista	Lâmpada
23	M	Zé	Negro	Adevogado	Assoar	Listra	Lâmpada
24	M	Zé	-	Adivogado	Assoar	Lista	Lâmpada
25	M	-	-	Adevogado	Assoar	Listra	Lâmpada
26	M	Zé	Negro	Adivogado	-	-	Lâmpada
27	M	Zé	Negro	-	-	Lista	Lâmpada
28	M	Zé	Nego	Adevogado	-	-	Lâmpada
29	M	-	Nego	-	-	-	-
30	M	Zé	-	-	-	Lista	-

**Tabela 4 – Respostas dos entrevistados**

Vale ressaltar que apesar de ter aplicado o mesmo questionário a todos os entrevistados, os quadros presentes na tabela acima contendo apenas um traço, refere-se a todos aqueles que não conseguiram identificar o nome através das dicas dadas pelo entrevistador.

#### **4. Fundamentação teórica**

Há que se mencionar que o Tocantins, além de ser o mais novo estado da República Federativa do Brasil, é também um estado de valor linguístico particularmente rico, não podendo por sua vez olvidar os costumes deste povo e suas origens.

Sapir (1971) ensina-nos que a língua não existe no seu próprio contexto. O referido autor defende que fora do homem a língua nada mais é do que abstração, e no próprio homem torna-se o resultado proveniente de um patrimônio cultural, a qual, a sociedade em que está inserido lhe transmite. Neste segmento, pode-se veementemente perceber que o uso dos metaplasmos é de certo modo considerados parte integrante deste grande patrimônio histórico-cultural pertencente à língua portuguesa brasileira.

Na atividade linguística, a importância dentro deste universo é voltada para os falantes e o som. A acepção para as transformações fonéticas chamadas de metaplasmos perpassa a noção de que são processos pelos quais a língua sofreu na passagem do latim para o português, ou seja, apesar da passagem histórico-linguística, essas mudanças ainda continuam acontecendo dentro da língua portuguesa.

Bagno (2001) afirma em seu livro *Português ou Brasileiro? – Um Convite à Pesquisa*, que a língua portuguesa, falada no território nacional não é mais o português de nossos colonizadores, dado ratificado pelo fato que a nossa língua transformou-se através dos anos, incorporou termos, adaptou expressões e hoje o idioma, por meio do qual nós brasileiros nos comunicamos, ainda não pode ser considerado uma nova língua, mas também não é mais o português que se fala em Portugal.

Podemos notadamente observar as transformações fonéticas pelas quais nossa língua passou e ainda passa, principalmente no que concerne o falar dos falantes, diante disso, o cotidiano torna-se o lugar mais adequado para perceber essas transformações, presentes nos diálogos, nas conversas entre vizinhos, no contar de velhas histórias. Palavras e expressões que ao longo das gerações são repassadas como um ciclo em

constante movimento, fato que representa um importante dado no estudo das variações fonéticas, consagradas no léxico brasileiro que dentro do cotidiano são pronunciadas de modo conspícuo do que prevê a norma culta.

Na medida em que a influência cultural, tanto por outras razões lingüísticas, quanto por razões que fogem este campo e adentra ao extra-lingüísticas, a língua tem se transformado cada vez mais rápido. Na língua portuguesa, estas transformações ocorrem desde sua origem latina, ao passo que a lingüística histórica caracteriza estas transformações como *metaplasmos*.

Dentro do que pontua a variação lingüística todos os falantes de alguma maneira demonstram altivezes, quer seja estas de cunho individual ou ainda coletivo, que por sua vez culminam na sua linguagem. Esta ocorrência tanto ocorre que podem ser notadas em “membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação” (CAMACHO, 1988, p.29).

Segundo Bisol (2001, p.11), “é através de sons” que os falantes de uma determinada língua atribuem significados – pensamentos, sentimentos e emoções, interagindo socialmente, sem, no entanto, dar-se conta da organização interna que a constitui.

Torna-se pertinente a fala de Camacho (1998), ao passo que explica que “uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando, portanto, sujeita às eventualidades próprias de tal tipo de objeto. Isso significa que se transforma no tempo e se diversifica no espaço” (CAMACHO, 1988, p. 29). Dentro do contexto deste estudo, entende-se por esta elucidação de que a língua caracteriza seus falantes em um determinado espaço, ou seja, como objeto histórico o falar tocantinense tende também a passar por modificações ao longo do tempo.

Para Barboza (2007, p. 14), “a língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes”, esta pode de certo modo ser uma justificativa para que não ocorra por parte dos falantes uma fala homogênea, diante do fato que os próprios falantes são heterogêneos em uma diversidade de sentidos, tais como: histórico, psicológico, social, familiar etc.

Ao observar que “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte,

com usos diversificados da própria língua” (ANTUNES, 2007, p.104). Pode destemidamente alavancar que:

A língua não é uma [...], ou seja, não é indivisível; ela pode ser considerada um conjunto de dialetos. Alguém já disse que em país algum se fala uma língua só. Há várias línguas dentro da oficial. E no Brasil não é diferente. Cada região tem seus falares, cada grupo sociocultural tem o seu. Pode-se até afirmar que cada cidadão tem o seu. A essa característica da língua damos o nome de variação lingüística (CATARINO, 2008)

Retomando ao foco que a “língua falada está totalmente inserida e interligada a sociedade. E que não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste”. Tarallo (2003, p. 19). Pode-se ressaltar que o estudo das variações linguísticas e as possíveis causas para sua ocorrência, como demonstra Callou e Leite (2003) ocorreu: “Até há relativamente pouco tempo a variação não era sistematicamente estudada, mas essa variação na fala de uma comunidade vem a ser fundamental no mecanismo de mudança linguística”. (CALLOU & LEITE, 2003, p. 97).

Desse modo o estudo sobre as manifestações dos metaplasmos, ou ainda, variações linguísticas, utilizando-se de um do discurso de um dos grandiosos percussores nesta área, Luchesi explica que:

A ‘variação lingüística’ é a possibilidade estrutural existente em todas as línguas de dizer a mesma coisa de formas diferentes. Se eu falo ‘as meninas já chegaram’ ou se falo ‘as menina já chegou’, o meu interlocutor vai entender a mesma coisa. Essas frases são, portanto, variantes e, como têm o mesmo significado, são equivalentes em termos lingüísticos. (LUCHESEI, 2006, p. 45).

No mesmo compasso que rege esta perspectiva, chegamos a Bagno (2007, p. 164) que alega: “toda língua muda com o tempo. [...] enquanto tiver gente falando uma língua ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente”.

Após tantos apanhados em torno das variações linguísticas ocorridas, pode-se através de todos os teóricos aqui mencionados chegar a um ponto comum entre ambos. A língua encontra-se em constante transformação, e como desenvolvido neste estudo questões como nível de escolaridade e faixa etária são aspectos determinantes na fala do indivíduo. Mas uma vez para ater-se a esta conclusão Bagno (2007) destaca que:

[...] a mudança lingüística sempre foi encarada como um problema, como uma coisa negativa, como um sinal de ruína, decadência e corrupção da língua (e da moral de seus falantes). No entanto, ela é inevitável: tudo no universo, na natureza e na sociedade passa incessantemente por processos de mudança, de obsolescência, de reinvenção, de evolução. Por que só a língua teria de ficar



parada no tempo e no espaço? Todas as demais instituições humanas sofrem mudança, por que a língua não sofreria? (BAGNO, 2007, p. 165-166).

Completando a fala de Bagno (2007), Beline (2002, p. 129) volta afirma o que fora dito anteriormente, “as pessoas têm a tendência de se identificar com os ‘falares’ existentes e isso também está relacionado a fatores sociais, como escolaridade e nível econômico”.

### 5. *Metaplasmos por adição/aumento*

Com base na *Gramática Histórica*, de Carvalho e Nascimento (1969), quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética, dá-se o denominação de metaplasmo por aumento ou adição. Neste grupo, temos o caso da epêntese, do anaptixe (ou suarabácti) e da prótese.

- a) **Epêntese:** É a inserção de um fonema no meio da palavra. Dos casos em que ocorre epêntese, observadas em nossa língua oral, destacamos: asterisco > asterístico; lista > listra (forma registrada em dicionário); beneficência > beneficiência; prazerosamente > prazerosamente; e estalo > estralo (forma registrada em dicionários).
- b) **Anaptixe (ou suarabácti):** É o nome dado ao fenômeno de acrescentar uma vogal para desfazer um grupo consonantal: ignorante > iguignorante; pneu > peneu ou pineu; e advogado > adevogado ou adivogado.
- c) **Prótese:** É o nome que caracteriza o fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra: renegar > arrenegar (forma registrada em dicionários); lagoa > alagoa (à semelhança de Alagoas – estado brasileiro); voar > avoar (forma registrada em dicionários); lembrar > alembrar; e soar > assoar (forma registrada em dicionários, com a acepção de “limpar o nariz”).

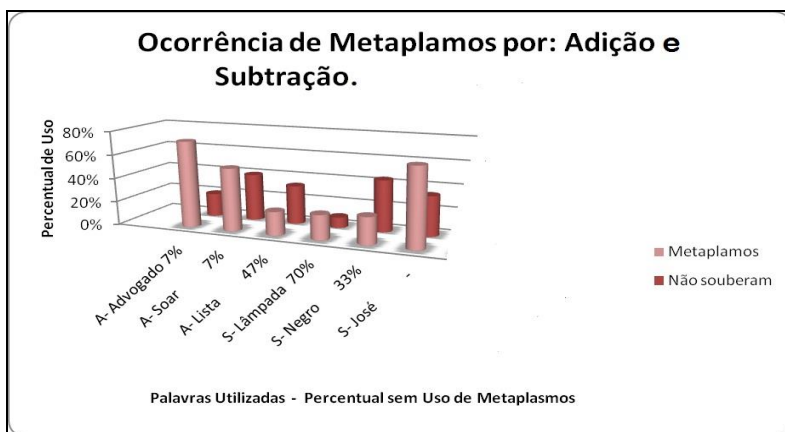
Obs.: Pode ser considerado prótese o caso de aglutinação: de repente > derrepente; a frete > afrete (ou àfrete, de à frete); e a cerca de > acerca de (forma registrada em dicionários).

## 6. Metaplasmos por subtração

No que concernem a conceituação dos metaplasmos por subtração, Carvalho e Nascimento (1969) definem como Metaplasmos em que a supressão de um fonema ou de um vocábulo. Notaremos neste grupo os fenômenos da aférese, da apócope e da síncope.

- a) **Aférese:** É o nome que caracteriza o fenômeno de supressão de um fonema (ou uma sílaba) do início de um vocábulo: ainda > inda; até > té; está > tá (forma registrada); espera > péra; José > Zé; você > cê; uniforme > niforme (ou liforme).
- b) **Apócope:** É o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo: bobagem > bobage; quer > qué; saber > sabê; passar > passá; parênteses > parentes; furúnculo > furunco; lâmpada > lampá; rapaz > rapá; pôr > pô; e licença > cença.
- c) **Síncope:** É o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo: horóscopo > horospo; bêbado > bebo; cócegas > coscas; padrinho > padinho; também > tamém; mesmo > memo; murcho > mucho; negro > nego; compadre > cumpade; experimento > expremento, e drible > dibre (com rotacismo, por assimilação total progressiva do “l” drible > drible).

## 7. Análise do corpus



**Gráfico 1: Resultados Encontrados**

Através destes dados, como se analisa, os informantes tanto homens quanto mulheres, em algum momento da pesquisa tenderam a suprimir ou aumentar as palavras, fato que constata a utilização de metaplasmo no cotidiano tocantinense. No intervalo entre uma entrevista e outra, como modo de descobrir se a utilização de outras variações fonéticas ocorria com frequência e até mesmo fora do contexto de pergunta e resposta norteadas pela pesquisa percebeu-se que a incidência do uso de metaplasmos ocorre também em conversas cotidianas, em especial, nas rodas de conversa entre amigos, vizinhos e em casa com os próprios familiares conforme acompanhada pelo pesquisador.

### **8. Considerações finais**

Os dados apresentados demonstram, de modo geral, que os informantes e *corpus* colhido para a concretização desta pesquisa comprovaram-se não só a presença do uso dos metaplasmos por adição ou subtração mas que este fenômeno alastra-se enquanto uso de geração a geração a medida que a língua vai se transformando essas alterações tanto no âmbito fonético e fonológico são cada vez mais propensas a acontecer, dentro das causas analisadas neste estudo como principal disseminadora destas alterações está culminada a falta de atenção ao falar pois enquanto escrita percebeu que os entrevistados sabiam a grafia correta, percebeu-se ainda que crianças em contato com estas variações quer sejam ditas por seus pais ou ainda avós tendem a repetir pelo próprio convívio social mesmo estas frequentando a escola.

Certamente esta questão merece ser mais bem aprofundada com o intuito de investigar outras causas para que haja a incidência destes usos, a não ser o motivo-mor da falta de atenção ao falar, e se tal ocorrência é também frequente em outras classes de pessoas, com idade e nível de estudo diferente do aqui apresentado. Espera-se que os resultados deste estudo possam oferecer subsídios de forma positiva para o campo da sociolinguística, possibilitam a elaboração de novos estudos em torno do assunto.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro?* São Paulo: Parábola, 2001.

\_\_\_\_\_; GAGNE, G.; STUBBS, M. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BARBOZA, Teresinha Pereira. *Pensando a língua em suas diferentes formas: uma nova abordagem em relação ao ensino de língua portuguesa*. 2007. 55 p. Monografia. (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística. I. Objeto teóricos*. São Paulo: Contexto, [s.d.], p. 121-140.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed.. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e a fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: SÃO PAULO. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para os 1º e 2º graus: coletânea de textos*. São Paulo: SE/CENP. 1988, v. I, 53-9, p. 29-41.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1969.

CATARINO, Dílson. Variação linguística. Disponível em: <<http://dilsoncatarino.blogspot.com/2008/02/variao-lingstica.html>>. Acesso em: 22-02-2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. ver. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008.

*DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-ROM versão 1.0, para Windows.

LUCHESE, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

SAPIR, E. *A linguagem*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2003.